

ABBI GLINES

TENTAÇÃO  
SEM LIMITES



Abbi Glines

# Tentação sem limites



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*A todos os leitores por aí que já se apaixonaram  
à primeira vista.*

## RUSH

*Há 13 anos...*

**A**lguém bateu à porta e ouvi o barulho de pés se arrastando. Já sentia uma dor no peito. Mamãe tinha ligado a caminho de casa para me contar o que havia feito e dizer que precisava sair para beber com as amigas. Eu teria que cuidar de Nan. Minha mãe não conseguiria lidar com todo aquele estresse. Pelo menos foi o que me disse quando ligou.

– Rush? – A voz de Nan saiu com um soluço. Ela estava chorando.

– Estou aqui, Nan – falei, levantando-me do pufe em que estava sentado em um canto. Era o meu esconderijo. Naquela casa, era preciso ter um esconderijo. Quando não se tinha um, coisas ruins aconteciam.

As mechas dos cachos ruivos de Nan estavam coladas ao rosto molhado. Ela estava com o lábio inferior trêmulo ao me encarar com aqueles olhos tristes. Eu quase nunca os via felizes. Minha mãe só lhe dava atenção quando precisava arrumá-la e exibi-la. No resto do tempo, Nan era ignorada. Exceto por mim. Eu fazia o possível para que ela se sentisse querida.

– Eu não o vi. Ele não estava lá – sussurrou ela dando um soluço.

Não precisei perguntar quem era “ele”. Eu sabia. Nossa mãe tinha se cansado de ouvir Nan perguntando sobre o pai e decidira levá-la para vê-lo. Queria que ela tivesse me contado e me levado junto. A expressão ferida no rosto de Nan me fez cerrar os punhos. Se algum dia visse aquele homem, eu daria um soco em seu nariz. Queria vê-lo sangrando.

– Venha aqui – chamei, estendendo a mão e puxando a minha irmãzinha para um abraço.

Ela envolveu minha cintura com os braços e me apertou com força. Era difícil respirar em momentos assim. Eu detestava a vida que ela tinha. Eu, pelo menos, sabia que o meu pai me queria. Ele ficava comigo.

– Ele tem outras filhas. Duas. E elas são... lindas. Elas têm cabelos de anjo. E têm uma mãe que deixa elas brincarem na terra. Elas estavam usando tênis. Tênis sujos.

Nan estava com inveja de tênis sujos. Nossa mãe não permitia que ela

estivesse menos do que perfeita o tempo todo. Ela nunca sequer tivera um par de tênis.

– Elas não podem ser mais bonitas do que você – garanti a ela, porque acreditava mesmo no que dizia.

Nan fungou e se afastou de mim. Levantou a cabeça e me encarou com aqueles grandes olhos verdes.

– São sim, eu vi. Vi fotos na parede com as duas meninas e um homem. Ele ama as duas... e não me ama.

Eu não poderia mentir para ela. Ela tinha razão. Ele não a amava.

– Ele é um imbecil. Você tem a mim, Nan. Você sempre vai ter a mim.

## BLAIRE

*Hoje...*

Vinte e cinco quilômetros de distância da cidade. Era longe o bastante. Ninguém iria a uma farmácia tão longe. A menos, é claro, que tivesse 19 anos e estivesse comprando algo escondido da cidade toda. Tudo o que era adquirido na farmácia local se espalhava por toda a cidadezinha de Sumit, no Alabama, em uma hora. Principalmente se fosse uma pessoa solteira comprando camisinhas... ou um teste de gravidez.

Pus os testes em cima do balcão e não olhei para a atendente. Não consegui. Não queria dividir com uma estranha qualquer o medo e a culpa nos meus olhos. Era algo que eu não havia contado nem a Cain. Desde que obriguei Rush a sair da minha vida, três semanas antes, eu tinha voltado lentamente à rotina de passar o tempo todo com Cain. Era fácil. Ele não me pressionava para falar, mas quando eu queria, ele me escutava.

– Dezesesseis dólares e quinze centavos – disse a moça do outro lado do balcão.

Pude ouvir a preocupação na voz dela. Nada surpreendente. Aquela era a compra envergonhada que todas as adolescentes temiam. Entreguei uma nota de vinte dólares sem levantar os olhos da sacolinha que ela colocara na minha frente. Ela continha a única resposta de que eu precisava e aquilo que mais me apavorava. Ignorar o fato de que a minha menstruação estava duas semanas atrasada e fingir que nada estava acontecendo era mais fácil. Mas eu precisava saber.

– Três dólares e 85 centavos de troco – disse a balconista estendendo o braço e pondo o dinheiro na minha mão.

– Obrigada – murmurei, pegando a sacola.

– Espero que tudo fique bem – disse a moça em um tom gentil.

Levantei o olhar e deparei com um par de olhos castanhos solidários. Eu nunca mais a veria, mas, naquele momento, ajudou que outra pessoa soubesse. Eu não me senti tão sozinha.

– Eu também – respondi, antes de me virar e seguir em direção à porta. De volta ao sol quente de verão.

Dei apenas dois passos no estacionamento quando bati os olhos na porta do motorista da minha picape. Cain estava encostado nela com os braços cruzados no peito. O boné cinza da Universidade do Alabama, com uma letra A estampada, estava puxado de lado, escondendo seus olhos.

Parei e o encarei. Não dava para mentir sobre aquilo. Ele sabia que eu não estava ali para comprar camisinhas. Havia apenas mais uma alternativa. Mesmo sem ver a expressão nos olhos dele, eu entendi. Ele sabia.

Engoli em seco a sensação na garganta que me acompanhava desde que eu entrara na picape naquela manhã e saíra da cidade. Agora não éramos apenas eu e a estranha atrás do balcão que sabíamos. Meu melhor amigo sabia também.

Obriguei-me a continuar andando. Ele faria perguntas e eu teria que respondê-las. Depois das últimas semanas, ele merecia uma explicação. Ele merecia a verdade. Mas como explicar aquilo?

Parei apenas alguns metros diante dele. Agradei o fato de ele ter encoberto o rosto. Seria mais fácil explicar se eu não conseguisse ver os pensamentos atravessando os seus olhos.

Ficamos parados, calados. Eu queria que ele falasse primeiro, mas, depois do que pareceram ser vários minutos de silêncio, percebi que ele queria que eu dissesse alguma antes.

– Como você descobriu onde eu estava? – perguntei, por fim.

– Você está hospedada na casa da minha avó. No instante em que saiu agindo de um jeito estranho, ela me ligou. Fiquei preocupado.

Senti meus olhos se enchendo de lágrimas. Eu não choraria por aquilo. Já tinha chorado tudo o que me permitiria. Segurando mais apertado a sacola com o teste de gravidez, endireitei os ombros.

– Você me seguiu – falei. Não foi uma pergunta.

– Claro que segui – rebateu ele e desviou o olhar de mim para se focar em outra coisa. – Você ia me contar, Blaire?

Se eu ia contar a ele? Eu não sabia. Não havia planejado nada ainda.

– Não tenho certeza se há algo a contar – respondi sinceramente.

Cain balançou a cabeça e soltou uma risada abafada sem qualquer senso de humor.

– Não tem certeza, é? Você veio até aqui porque não tinha certeza?

Ele estava com raiva. Ou estava magoado? Não tinha motivo para nem uma coisa, nem outra.

– Enquanto não fizer este teste, não terei certeza. Estou atrasada. Só isso. Não há o que contar. Não é da sua conta.

Lentamente, Cain virou a cabeça para mim. Levantou a mão e empinou o boné para trás. Pude, enfim, ver os seus olhos. Havia descrença e dor neles. Eu não queria ver aquilo. Era quase pior do que ver reprovação no seu olhar.

– É mesmo? É assim que você se sente? Depois de tudo o que passamos, é assim mesmo que você se sente?

O que nós vivemos juntos estava no passado. Cain era o meu passado. Muitas coisas aconteceram comigo sem ele. Enquanto ele aproveitava os anos de ensino médio, eu me esforçava para manter a minha vida em pé. O que ele achava que tinha sofrido? Aos poucos, meu sangue começou a ferver de raiva e levantei os olhos para encará-lo.

– Sim, Cain. É assim que eu me sinto. Não sei o que exatamente você acha que passamos juntos. Nós éramos melhores amigos, depois viramos um casal, então a minha mãe ficou doente e, como você precisava que alguém o chupasse, me traiu. Eu cuidei da minha mãe sozinha. Sem ninguém em quem me apoiar. Daí ela morreu e eu me mudei. Meu coração e o meu mundo foram destruídos, mas eu voltei. E você estava aqui para mim. Eu não pedi, mas você estava. Sou grata, mas isso não faz com que todo o resto desapareça. Não compensa o fato de você ter me abandonado quando mais precisei de ajuda. Então desculpe se você não é a primeira pessoa que procuro quando o meu mundo está prestes a desmoronar mais uma vez, mas você ainda não fez por merecer isso.

Eu estava respirando com dificuldade e as lágrimas que eu não queria derramar estavam rolando pelo meu rosto. Eu não queria chorar, caramba. Diminuí a distância entre nós e usei toda a minha força para empurrá-lo para fora do caminho e conseguir agarrar a maçaneta e abrir a porta da picape. Eu precisava sair dali. Ir para longe dele.

– Saia – gritei, enquanto tentava abrir a porta com o peso dele ainda sobre ela.

Esperava que Cain discutisse comigo. Esperava qualquer coisa além de ele fazer o que eu pedi. Sentei atrás da direção e atirei a sacolinha de plástico no banco ao meu lado antes de engatar a marcha a ré. Pude ver Cain ainda parado lá. Ele simplesmente não se mexia. Apenas o suficiente para que eu entrasse na picape. Ele não estava olhando para mim, mas para o

chão, como se nele estivessem todas as respostas. Eu não podia me preocupar com ele naquele momento. Precisava ir embora.

Talvez eu não devesse ter dito todas aquelas coisas. Talvez fosse melhor ter mantido aquela fúria enterrada dentro de mim, mas agora era tarde demais. Ele havia me provocado no momento errado. Eu não ia me sentir mal por isso.

Eu também não poderia voltar para a casa da avó dele. Ela estava no meu pé. Ele provavelmente ligaria e lhe contaria. Se não a verdade, algo parecido com a verdade. Eu não tinha mais alternativa. Teria que fazer o teste de gravidez no banheiro de um posto de gasolina. Será que a situação poderia ficar pior?

## RUSH

As ondas arrebatando na praia costumavam me acalmar. Eu ficava sentado naquele deque olhando para a água desde criança. Isso sempre me ajudou a encontrar uma perspectiva melhor nas coisas. Não estava mais funcionando.

A casa estava vazia. Minha mãe e... o homem que eu queria que ardesse no inferno por toda a eternidade foram embora assim que eu voltei do Alabama, três semanas atrás. Eu estava furioso, magoado e louco. Depois de ameaçar a vida do homem com quem minha mãe estava casada, exigi que eles saíssem da minha casa. Não queria ver nenhum dos dois. Em algum momento precisarei ligar para a minha mãe e conversar com ela, mas não conseguia fazer isso ainda.

Perdoar era mais fácil na teoria do que na prática. Nan, minha irmã, tentou me convencer várias vezes, implorando para que eu conversasse com ela. Não era culpa de Nan, mas eu não conseguia falar com ela sobre isso também. Ela me lembrava do que eu havia perdido. Do que eu mal tivera. Do que eu nunca achei que encontraria.

Um som alto de batidas veio de dentro da casa e interrompeu meus pensamentos. Virei, olhei para trás e me dei conta de que havia alguém parado diante da porta. A campainha tocou seguida por mais batidas. Quem seria? Desde que Blaire havia partido, ninguém nunca aparecia, só minha irmã e Grant.

Larguei a cerveja na mesa ao lado e me levantei. Fosse quem fosse, precisava de um motivo muito bom para vir sem ser convidado. Atravessei uma casa que se mantivera limpa desde a última visita de Henrietta, a faxineira. Sem festas ou vida social, era fácil manter as coisas em ordem. Estava me dando conta de que gostava muito mais disso.

Começaram a bater de novo justamente quando segurei a maçaneta. Abri a porta pronto para dizer a quem quer que fosse para dar no pé, mas fiquei sem palavras. Não era alguém que eu esperava ver de novo. Encontrei aquele sujeito uma única vez e o odiei imediatamente. Agora ele estava

ali. Eu queria agarrá-lo pelos ombros e sacudi-lo até ele me dizer como ela estava e onde estava morando. Meu Deus, que não seja com ele. E se eles estivessem... não, não, não, isso não havia acontecido. Ela não faria isso. Não a *minha* Blaire.

Cerrei os punhos com força ao lado do corpo.

– Eu preciso saber uma coisa – disse Cain, o garoto do passado de Blaire, enquanto eu o encarava, confuso e descrente. – Você... – Ele parou e engoliu em seco. – Você... *porra...* – Ele tirou o boné e passou a mão pelos cabelos. Percebi os círculos escuros embaixo dos olhos dele e a expressão cansada e aborrecida no seu rosto.

Meu coração parou. Agarrei o braço dele e o sacudi.

– Onde está a Blaire? Ela está bem?

– Ela está ótima... quero dizer, está bem. Poderia me soltar, antes que quebre o meu braço? – disparou Cain, afastando-se de mim. – Blaire está sa e salva, em Summit. Não é por isso que estou aqui.

Então por que ele estava ali? Nós tínhamos apenas uma conexão: Blaire.

– Quando saiu de Summit, ela era inocente. Muito inocente. Eu tinha sido seu único namorado. Eu sei o quanto ela era inocente. Somos amigos desde crianças. A Blaire que voltou não foi a mesma que partira. Ela não fala sobre o que aconteceu. Não quer falar. Eu só preciso saber se você e ela... se vocês dois... ah, vou ser direto: vocês treparam?

Minha visão ficou turva quando avancei pensando apenas em matá-lo. Ele havia ultrapassado um limite. Não tinha o direito de falar de Blaire daquele jeito. Não tinha o direito de fazer esse tipo de pergunta ou de duvidar da inocência dela. Blaire era inocente, seu filho da puta. Ele não tinha o direito.

– Puta merda! Rush, larga o cara!

Ouvi Grant me chamando. Eu o escutei, mas sua voz estava distante, como no fundo de um túnel. Eu estava focado no cara na minha frente enquanto meu punho atingia seu rosto e arrancava sangue do seu nariz. Ele estava sangrando. Eu precisava que ele sangrasse. Precisava que alguém sangrasse.

Dois braços agarraram os meus por trás e me puxaram enquanto Cain caía de costas com as mãos no nariz e uma expressão de pânico nos olhos. Bem, em um dos olhos. O outro já estava fechando de inchaço.

– Que merda você falou para ele? – perguntou Grant atrás de mim. Era ele que estava me segurando.

– Não repita! – rugi, quando Cain abriu a boca para responder.

Eu não poderia ouvi-lo falar sobre ela daquele jeito. O que nós havíamos feito não era sujo ou errado. Ele agira como se eu a tivesse destruído. Blaire era inocente. Incrivelmente inocente. O que nós tínhamos feito não mudava isso.

Os braços de Grant me apertaram com mais força contra o seu peito.

– Você precisa ir embora agora. Não vou conseguir segurá-lo por muito tempo. Ele tem dez quilos de músculos a mais que eu e isto aqui não é tão fácil como parece. É melhor você correr, cara. Não volte. Você teve sorte por eu ter aparecido.

Cain assentiu e voltou correndo para a picape. A raiva havia se diluído nas minhas veias, mas eu ainda a sentia. Queria machucá-lo ainda mais. Para varrer da cabeça qualquer pensamento de que Blaire não era tão perfeita como quando deixou o Alabama. Ele não sabia tudo pelo que ela tinha passado. O inferno a que minha família a submetera. Como ele poderia tomar conta dela? Ela precisava de mim.

– Se eu soltar você, vai sair correndo atrás daquela picape ou vai ficar tudo bem? – perguntou Grant, afrouxando os braços.

– Está tudo bem – garanti enquanto me soltava e ia até a grade para respirar fundo várias vezes.

A dor havia voltado com toda força. Eu tinha conseguido enterrá-la e amenizá-la, mas aquele merdinha me fizera lembrar de tudo. Daquela noite. A noite de que eu jamais iria me recuperar. A noite que me marcaria para sempre.

– Posso perguntar que merda aconteceu aqui ou você vai me dar uma surra também? – indagou Grant, afastando-se um pouco.

Para todos os efeitos, ele era meu irmão. Nossos pais foram casados quando éramos crianças. Ficaram juntos tempo suficiente para nos tornarmos amigos. Dois padrastos depois, Grant ainda era a minha família e sabia o bastante para compreender que aquilo tinha a ver com Blaire.

– É o ex-namorado de Blaire – respondi sem olhar para ele.

Grant pigarreou.

– Então, hum, ele veio até aqui para se gabar? Ou você só arreventou a cara dele porque ele tocou nela um dia?

As duas coisas. Nenhuma das duas. Balancei a cabeça.

– Não. Ele veio perguntar sobre mim e Blaire. Coisas que não eram da conta dele. Fez a pergunta coisa errada.

– Ah, entendo. Faz sentido. Bom, ele pagou por isso. O cara provavelmente ganhou um nariz quebrado para combinar com aquele olho inchado.

Finalmente levantei a cabeça e olhei para Grant.

– Obrigado por me arrancar de cima dele. Eu perdi o controle.

Grant assentiu e abriu a porta.

– Vamos entrar. Vamos ver o jogo e tomar uma cerveja.

## BLAIRE

O túmulo da minha mãe foi o único lugar para onde consegui pensar em ir. Não tinha casa. Não podia voltar para a Vovó Q.. Ela era avó de Cain. Ele provavelmente estaria lá esperando por mim. Ou talvez não. Talvez eu o tivesse afastado também. Sentei ao pé do túmulo da minha mãe, apoiei o queixo nos joelhos e abracei as pernas dobradas.

Eu tinha voltado para Sumit porque era o único lugar para onde eu sabia ir. Agora precisava partir. Não podia ficar ali. Mais uma vez, minha vida estava prestes a sofrer uma súbita reviravolta. Uma para a qual eu não estava preparada. Quando eu era pequena, minha mãe nos levou para a escola dominical na igreja batista. Naquele momento, recordava-me de uma escritura da Bíblia sobre Deus não nos fazer enfrentar mais do que podíamos suportar. Estava começando a me perguntar se isso valia apenas para quem ia à igreja todos os domingos e rezava antes à noite de dormir. Porque ele não estava pegando leve comigo.

A autopiedade não estava me ajudando. Eu não podia fazer isso. Precisava dar um jeito nas coisas. Ficar com a Vovó Q. e deixar Cain me ajudar tinha sido apenas temporário. Quando me mudei para o quarto de hóspedes dela, eu sabia que não poderia ficar por muito tempo. Havia muita coisa entre Cain e eu. Uma história que eu não pretendia repetir. Era o momento de ir embora, mas eu ainda não sabia para onde, como quando chegara lá, três semanas antes.

– Queria que você estivesse aqui, mamãe. Não sei o que fazer e não tenho a quem perguntar – sussurrei, sentada no cemitério silencioso.

Queria acreditar que ela podia me ouvir. Não gostava da ideia dela estar debaixo da terra, mas depois que a minha irmã gêmea morreu, eu ficava sentada naquele mesmo lugar com a minha mãe e nós conversávamos com Valerie. Minha mãe dizia que o espírito dela estava cuidando de nós e que ela podia nos ouvir. Como eu queria acreditar nisso agora.

– O problema sou eu. Estou sentindo muita saudade de vocês. Não quero estar sozinha... mas estou. E tenho medo. – O único som ao redor era o

das folhas das árvores balançando ao vento. – Uma vez você me disse que, se eu prestasse bastante atenção, encontraria a resposta no meu coração. Eu estou prestando atenção, mamãe, mas estou muito confusa. Quem sabe você pode me ajudar apontando a direção certa de alguma maneira?

Repousei o queixo nos joelhos e fechei os olhos, recusando-me a chorar.

– Lembra quando você disse que eu precisava falar ao Cain exatamente como eu me sentia? Que eu não ficaria melhor enquanto não botasse tudo para fora? Bom, fiz isso hoje. Mesmo que ele me perdoe, nunca mais vai ser como antes. Não posso continuar contando com ele para tudo. Está na hora de eu me virar sozinha. Só não sei como.

O simples fato de conversar com ela já me fazia sentir-me melhor. Não importava se eu receberia ou não uma resposta.

Uma porta de carro batendo interrompeu a tranquilidade e me fez soltar as pernas e me virar para o estacionamento, onde vi um automóvel caro demais para aquela cidadezinha. Ao voltar os olhos para checar quem havia saltado, fiquei sem fôlego e levantei de um pulo. Era Bethy. Ela estava ali. Em Sumit. No cemitério... dirigindo um carro que devia ser muito, muito caro.

Estava com os longos cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo. Um sorriso começou a se formar em seus lábios quando os nossos olhos se encontraram. Eu não conseguia me mexer. Fiquei com medo de estar imaginando coisas. O que Bethy estava fazendo ali?

– Que coisa chata isso de você estar sem celular. Como é que vou telefonar para dizer que estou vindo buscá-la se não tenho um número para ligar?

O que ela dizia não fazia sentido, mas o simples fato de ouvir a sua voz fez com que eu percorresse correndo a curta distância que havia entre nós.

Bethy riu e abriu os braços para mim.

– Não acredito que você está aqui – falei, depois de abraçá-la.

– Nem eu. Foi uma viagem e tanto. Mas você vale a pena e, considerando que deixou o celular em Rosemary, eu não tinha outra forma de falar com você.

Queria contar tudo a ela, mas não podia. Ainda não. Precisava de tempo. Ela já sabia a respeito do meu pai. Sabia de Nan. Mas o resto... ela não tinha como saber.

– Que bom que você está aqui, mas como me encontrou?

Bethy sorriu.

– Andei por toda a cidade procurando a sua picape. Não foi tão difícil. Esta cidade só tem um sinal de trânsito. Se eu tivesse piscado duas vezes, não o teria visto.

– Seu carro deve ter chamado atenção – falei, olhando para ele.

– É do Jace. Não é lindo?

Ela ainda estava com Jace. Que bom. Mas senti um aperto no peito. Jace me lembrava Rosemary. E Rosemary me lembrava Rush.

– Eu ia perguntar como você está, mas, menina, você está parecendo um esqueleto ambulante. Comeu alguma coisa desde que saiu de Rosemary?

Minhas roupas estavam começando a ficar um pouco largas. Era difícil comer com aquele nó que eu sentia no peito o tempo todo.

– Foram semanas difíceis, mas acho que estou melhorando. Seguindo em frente. Lidando com as coisas.

Bethy voltou o olhar para o túmulo atrás de mim. Para os dois túmulos. Pude ver a tristeza nos seus olhos ao ler as lápides.

– Ninguém pode lhe tirar suas lembranças. Você tem isso – disse ela, apertando a minha mão.

– Eu sei. Eu não acredito neles. Meu pai é um mentiroso. Eu não acredito em nada. Ela, a minha mãe, não teria feito o que eles disseram. Se alguém é culpado de alguma coisa, é meu pai. Ele provocou esse sofrimento. Não a minha mãe. Nunca a minha mãe.

Bethy assentiu e segurou minha mão com força. O simples fato de ter alguém para me escutar e acreditar em mim, acreditar na inocência da minha mãe, já ajudava.

– A sua irmã era muito parecida com você?

A última lembrança que eu tinha de Valerie era ela sorrindo. Aquele sorriso alegre que era tão mais bonito do que o meu. Tinha os dentes perfeitos. Tinha os olhos muito mais alegres do que os meus. Mas todo mundo dizia que éramos idênticas. As pessoas não viam a diferença. Eu sempre me perguntei por quê. Eu via muito claramente.

– Nós éramos idênticas – respondi. Bethy não compreenderia a verdade.

– Não consigo imaginar duas Blaire Wynn. Vocês devem ter partido muitos corações nesta cidadezinha.

Ela estava tentando aliviar o clima depois de ter perguntado sobre a minha irmã morta. Fiquei grata por isso.

– Só a Valerie. Eu fiquei com Cain desde muito cedo. Não parti nenhum coração.

Bethy arregalou um pouco os olhos e desviou-os. Então pegariou. Esperei ela se virar novamente para mim.

– Embora ver você seja incrível e eu imagine que poderíamos agitar esta cidade, para ser sincera, eu estou aqui com um objetivo.

Imaginei que estivesse, só não consegui adivinhar qual era.

– Está bem – falei, esperando por uma explicação.

– Podemos tomar um café? – Ela franziu a testa e olhou para a rua. – Ou talvez passar no Dairy K, já que foi o único lugar que vi atravessando a cidade.

Ela não estava se sentindo confortável em meio aos túmulos como eu estava. Isso era normal. Eu não era normal.

– Tudo bem – respondi, indo buscar a minha bolsa.

– *Aí está a sua resposta* – sussurrou uma voz suave, tão baixa que quase achei que fosse imaginação minha.

Eu me virei para olhar para Bethy e ela estava sorrindo com as mãos enfiadas nos bolsos da frente.

– Você disse alguma coisa? – perguntei, confusa.

– Depois que sugeri que fôssemos ao Dairy K?

Assenti.

– Sim. Você sussurrou alguma coisa?

Ela mexeu no nariz, olhou ao redor com nervosismo e balançou a cabeça.

– Não... hum... por que não saímos daqui? – sugeri, pegando o meu braço e me puxando atrás dela na direção do carro do Jace.

Olhei para o túmulo da minha mãe e fui tomada por um sentimento de paz. Teria aquilo sido...? Não. Certamente não. Balançando a cabeça, virei-me para a frente de novo e entrei do lado do carona antes que Bethy me empurrasse para dentro do carro.

## RUSH

Era aniversário da minha mãe. Nan já ligara duas vezes pedindo que eu conversasse com ela. Não seria possível. Ela estava numa praia nas Bahamas com *ele*. Isso não a havia afetado em nada. Mais uma vez, ela tinha fugido para aproveitar a vida deixando os filhos para trás.

– A Nan está ligando de novo. Quer que eu atenda e diga para ela deixar você em paz? – Grant entrou na sala com o meu celular na mão.

Aqueles dois brigavam como irmãos de verdade.

– Não, me dê isso aqui – respondi. Ele me jogou o aparelho. – Nan – atendi.

– Você vai telefonar para a mamãe ou não? Ela já me ligou duas vezes perguntando se conversei com você e se você ainda se lembrava de que era o aniversário dela. Ela se importa com você. Pare de deixar que aquela garota estrague tudo, Rush. Ela apontou uma arma para mim, pelo amor de Deus. Uma arma, Rush. Ela é *louca*. Ela...

– Pare. Não diga mais nada. Você não a conhece. Você não quer conhecê-la. Então spare. Não vou ligar para a mamãe. Da próxima vez que ela ligar, diga isso a ela. Não quero ouvir a voz dela. Eu *estou cagando* para a viagem dela e para o que ela ganhou de presente de aniversário.

– Nossa... – murmurou Grant afundando no sofá à minha frente e apoiando os pés no pufe diante dele.

– Não acredito que você falou isso. Não o entendo. Ela não pode ser tão boa assim...

– Não fale nada, Nannette. Esta conversa terminou. Se *you* precisar, me ligue.

Desliguei o telefone, atirei o aparelho no assento ao meu lado e me recostei na almofada.

– Vamos sair? Beber um pouco, dançar com umas garotas... Esquecer essa merda toda – sugeriu Grant.

Ele havia feito a mesma sugestão várias vezes nas últimas três semanas. Ou pelo menos desde que eu parei de quebrar coisas e ele sentiu que já era seguro falar.

– Não – respondi sem olhar para ele.

Não havia por que agir como se eu estivesse bem. Sem saber como Blaire estava, eu não ficaria bem. Ela podia até não me perdoar. Que merda, ela poderia nunca mais olhar para mim, mas eu precisava saber que ela estava se curando. Eu precisava saber de alguma coisa. Qualquer coisa.

– Eu me saí muito bem não me intrometendo. Deixei você pirar, esbravejar contra tudo o que se mexesse e ficar deprimido. Acho que está na hora de você me dizer alguma coisa. O que aconteceu quando você foi para o Alabama? Alguma coisa deve ter acontecido. Você voltou diferente.

Eu amava Grant como a um irmão, mas não contaria a ele sobre a noite no hotel com Blaire. Ela estava sofrendo, e eu, desesperado.

– Não quero falar sobre isso. Preciso sair. Parar de ficar olhando fixamente para essas paredes e me lembrando dela...

Eu me levantei e Grant saltou de onde estava no sofá. O alívio nos olhos dele era evidente.

– O que você quer? Cervejas, garotas ou as duas coisas?

– Música alta – respondi.

Eu não precisava de cerveja e garotas... eu simplesmente ainda não estava pronto para isso.

– Vamos ter que sair da cidade. Talvez ir até Destin?

Joguei as chaves do carro para ele.

– Claro. Você dirige.

A campainha tocou, fazendo nós dois pararmos. Na última vez que eu recebi uma visita inesperada, a coisa não terminou bem. Podia muito bem ser a polícia vindo me prender por amassar a cara de Cain. Estranhamente, eu não me importava. Estava anestesiado.

– Eu atendo – disse Grant, olhando para mim com a testa franzida de preocupação. Ele estava pensando a mesma coisa.

Eu me recostei no sofá e apoiei os pés na mesa de centro à minha frente. Minha mãe odiava quando eu fazia isso. Ela a havia comprado durante uma das suas viagens para o exterior e mandado entregar em casa. Senti uma repentina pontada de culpa por não ligar para ela, mas a afastei. Durante toda a minha vida, fiz aquela mulher feliz e cuidei de Nan. Não ia mais fazer isso. Cansei. Cansei de toda a merda dela.

– Jace, tudo bom? Estávamos de saída. Quer ir junto? – perguntou Grant, dando um passo para trás e deixando Jace entrar.

Não me levantei. Queria que ele fosse embora. Ver Jace me lembrava de Bethy, que, por sua vez, me lembrava de Blaire. Jace precisava sair dali.

– Não, eu... hum... precisava conversar sobre uma coisa – disse Jace, arrastando os pés e enfiando as mãos nos bolsos. Parecia pronto para sair correndo.

– Está bem.

– Acho que hoje não é o melhor dia para conversar com ele, cara – disse Grant, posicionando-se na frente de Jace e olhando para mim. – Nós vamos sair. Vamos lá. O Jace pode abrir o coração outra hora.

Agora eu estava curioso.

– Não estou fora de controle, Grant. Sente-se. Deixe o Jace falar.

Grant suspirou e balançou a cabeça.

– Tudo bem. Se você quer dizer essas merdas para ele agora, diga.

Jace olhou para Grant e de volta para mim. Ele se aproximou e sentou-se na poltrona mais longe de mim. Fiquei olhando enquanto ele ajustava o cabelo atrás da orelha e me perguntei o que poderia ser tão importante.

– A Bethy e eu estamos ficando meio sérios.

Eu já sabia disso. E não me importava. Senti a dor abrindo o meu peito e cerrei os punhos. Precisei me concentrar em levar ar aos pulmões. Bethy era amiga de Blaire. Devia saber como Blaire estava.

– E, hum... – continuou ele. – Bom, o aluguel da Bethy aumentou e aquele lugar era uma porcaria de qualquer maneira. Eu não me sentia seguro com ela morando lá. Então conversei com o Woods e ele disse que o pai dele tem um apartamento de dois quartos disponível se eu quiser alugar. Eu, hum... eu aluguei o apartamento para ela, paguei o depósito e tudo. Mas quando a levei para ver, ela ficou puta. Muito puta. Não queria que eu pagasse o aluguel dela. Disse que isso a fazia se sentir vulgar.

Ele suspirou e a expressão pesarosa no seu olhar ainda não estava fazendo sentido. Eu não dava a mínima para a briga dele com Bethy.

– Custa o dobro... ou pelo menos Bethy acha que custa o dobro do apartamento anterior. Na verdade, custa quatro vezes mais. Fiz Woods prometer manter o valor em segredo. Estou pagando a diferença sem que ela saiba. Enfim. Ela, hum... ela... foi para o Alabama hoje. Ela adora o apartamento. Quer passar o tempo todo no clube e na praia. Mas a única pessoa que ela cogita ter morando com ela é... a Blaire.

Eu me levantei. Não consegui ficar sentado.

– Opa, cara... sente-se. – Grant levantou de um pulo e eu fiz um gesto para ele se afastar.

– Não estou bravo. Só preciso respirar – falei, olhando pelas portas de vidro para as ondas arrebatando na praia.

Bethy tinha ido buscar Blaire. O meu coração estava disparado. Será que ela viria?

– Sei que vocês dois terminaram mal. Pedi para ela não ir, mas ela ficou muito furiosa e eu não gosto de chateá-la. Ela, também conversou com o Woods para devolver o emprego a Blaire caso consiga trazê-la de volta.

Blaire. De volta...

Ela não voltaria. Ela me odiava. Odiava Nan. Odiava a minha mãe. Odiava o pai dela. Ela não voltaria para cá... mas, meu Deus, como eu gostaria que ela voltasse. Eu me virei para Jace.

– Ela não vai voltar – comentei.

Não dava para negar a dor na minha voz. Eu não me dei o trabalho de escondê-la. Não mais.

Jace deu de ombros.

– Talvez tenha tido tempo suficiente para lidar com os problemas dela. E se ela voltar? O que você vai fazer? – Grant me perguntou.

O que eu faria?

Eu imploraria.

## BLAIRE

Bethy parou o carro de Jace no estacionamento do Dairy K. Vi o fusquinha azul de Callie e decidi que era melhor não saltar. Só tinha visto Callie duas vezes desde que voltara e ela parecia querer arrancar os meus olhos. Ela sempre foi a fim do Cain, desde a escola. Eu voltei e acabei com qualquer tipo de relacionamento que os dois finalmente haviam começado a ter. Não era a minha intenção. Ela podia ficar com ele.

Bethy começou a sair do carro e segurei o braço dela.

– Vamos ficar conversando no carro – pedi, fazendo-a parar.

– Mas eu quero sorvete com biscoito recheado – reclamou ela.

– Não posso conversar lá dentro. Conheço muita gente – expliquei.

Bethy suspirou e recostou-se no banco do motorista.

– Tudo bem. Todo esse sorvete ia parar na minha bunda mesmo...

Sorri e relaxei, grata pelas janelas escurecidas. Sabia que não era vista pelas pessoas que se detinham para olhar o carro de Jace. Ninguém na cidade dirigia alguma coisa que chegasse aos pés dele.

– Não vou enrolar, Blaire. Estou com saudade de você. Eu nunca tive uma amiga tão próxima. Nunca. E aí você foi embora. Eu odeio que não esteja mais por perto. O trabalho é um saco sem você lá. Não tenho ninguém para quem contar sobre a minha vida sexual com o Jace e como ele está sendo gentil, algo que eu nunca teria se não tivesse escutado você. Eu simplesmente sinto a sua falta.

Meus olhos se encheram de lágrimas. O simples fato de alguém ter saudade de mim dava uma sensação boa. Eu também sentia falta dela. E de muita coisa.

– Eu também sinto a sua falta – respondi, esperando não ficar toda emocionada.

Bethy assentiu e sorriu.

– Está bem, que ótimo. Porque preciso que você volte e vá morar comigo. Jace conseguiu um apartamento de frente para o mar no clube. Mas eu me recuso a deixá-lo pagar para mim. Então preciso de alguém para dividir

o aluguel. Por favor, volte. Preciso de você. E o Woods disse que você pode ter o seu emprego de volta imediatamente.

Voltar para Rosemary? Para onde estavam Rush, Nan... e o meu pai. Eu não poderia voltar. Não poderia vê-los. Todos estariam no clube. Será que meu pai levaria Nan para jogar golfe? Será que eu conseguiria assistir a isso? Não. Eu não conseguiria. Seria demais.

– Eu não posso – falei, com a voz engasgada.

Queria poder. Não sabia para onde eu iria agora que descobrira que estava grávida, mas não podia nem ficar ali nem ir para Rosemary.

– Por favor, Blaire. Ele também sente a sua falta. Não sai de casa. O Jace disse que ele está péssimo.

A ferida de raiva no meu peito voltou a arder. Saber que Rush estava sofrendo também foi difícil demais. Eu o imaginava fazendo festas em casa e seguindo em frente. Não queria que ele ainda estivesse triste. Só precisava que nós dois seguíssemos em frente. Mas talvez eu nunca fosse conseguir. Eu sempre teria uma lembrança de Rush.

– Não posso vê-los. Nenhum deles. Seria difícil demais – parei.

Não podia contar a Bethy sobre a minha gravidez. Eu mal tive tempo para compreendê-la. Não estava pronta para contar a quem quer que fosse. Talvez nunca fosse contar a mais alguém além de Cain. Em breve, eu iria embora para um lugar onde ninguém me conhecesse. Eu recomeçaria.

– O seu... hum... pai e a Georgianna não estão lá. Foram embora. A Nan está, só que mais calma. Acho que está preocupada com Rush. Seria difícil no começo, mas depois que arrancar o curativo, você vai superá-los. Vai superar tudo. Além disso, pela forma como os olhos do Woods se iluminaram quando falei em você voltar, poderia muito bem se distrair com ele. Ele está mais do que interessado.

Eu não queria o Woods. E nada iria me distrair. Bethy não sabia de tudo. Eu também não podia contar a ela. Não hoje.

– Por mais que eu queira... não posso.

Eu realmente sentia muito. Mudar para a casa da Bethy e ter o meu emprego no clube de volta seria quase a resposta perfeita para todos os meus problemas.

Bethy soltou um suspiro frustrado, recostou a cabeça no banco do carro e fechou os olhos.

– Está bem. Eu entendo. Não gosto, mas entendo.

Estendi a mão e apertei a dela com força. Queria que as coisas fossem diferentes. Se o Rush fosse apenas um cara qualquer com quem eu tivesse rompido, seria mais fácil. Mas não era. Nunca seria. Ele era mais. Muito mais do que ela poderia compreender.

Bethy apertou a minha mão de volta.

– Vou deixar as coisas assim por hoje. Mas não vou procurar outra pessoa para dividir o apartamento imediatamente. Você tem uma semana para pensar nisso. Depois preciso encontrar alguém que me ajude a pagar as contas. Vai pensar com carinho na minha proposta?

Respondi que sim, porque sabia que era o que ela precisava, mesmo sabendo que a espera dela seria inútil.

– Que bom. Eu vou para casa rezar. Se é que Deus ainda se lembra de quem eu sou. – Ela piscou para mim e se aproximou para me abraçar.

– Coma um pouco por mim, está bem? Está ficando magrinha demais.

– Está bem – respondi, imaginando se isso seria possível.

Bethy se recostou no assento.

– Bom, se você não vai arrumar as malas e voltar comigo para Rosemary, pelo menos vamos sair. Eu preciso passar a noite antes de fazer o caminho de volta. Podemos nos divertir em algum lugar e depois dormir em um hotel.

– Isso. Parece uma boa. Mas nada de bar country.

Eu não conseguiria entrar em outro daqueles. Pelo menos não tão cedo. Bethy franziu a testa.

– Está bem... mas existe alguma outra coisa neste estado?

Ela tinha razão.

– É... podemos ir a Birmingham. É a cidade grande mais próxima.

– Perfeito. Vamos nos divertir.



Quando paramos na entrada de carros da Vovó Q., ela estava sentada na varanda, descascando ervilhas. Eu não queria encará-la, mas ela me dera um teto pelas últimas três semanas sem fazer cobranças. Merecia uma explicação, se quisesse. Eu não sabia se Cain tinha dito alguma coisa. A caminhonete dele não estava ali e eu fiquei imensamente grata por isso.

– Quer que eu fique no carro? – perguntou Bethy.

Seria mais fácil se ela ficasse, mas a Vovó Q. a veria e me repreenderia por ser rude e não convidar minha amiga a entrar.

– Pode vir comigo – respondi, abrindo a porta do carro.

Bethy deu a volta pela frente do veículo e se postou ao meu lado. A Vovó Q. ainda não tinha erguido os olhos das ervilhas, mas eu sabia que ela nos escutara. Estava pensando no que iria dizer. Cain devia ter contado a ela. Droga.

Olhei para ela, que continuava descascando ervilhas em silêncio. Tudo o que eu via eram seus cabelos brancos curtos. Nenhum contato visual. Seria muito mais fácil simplesmente entrar e tirar vantagem do fato de ela não falar comigo, mas aquela era a casa dela. Se ela não me queria ali, eu precisava arrumar minhas coisas e ir embora.

– Oi, Vovó Q. – falei e parei, esperando que ela levantasse a cabeça para olhar para mim.

Silêncio. Eu a estava perturbando. Não sabia se era decepção ou irritação. Naquele momento, odiei Cain por contar a ela. Ele não podia ter ficado de bico fechado?

– Esta é minha amiga Bethy. Ela veio me visitar – continuei.

Vovó Q. finalmente levantou a cabeça, sorriu para Bethy e então voltou o olhar para mim.

– Leve-a lá para dentro e lhe dê um grande copo de chá gelado e uma daquelas tortinhas que estão esfriando em cima da mesa. Depois venha até aqui para conversar comigo um instante, sim? – Não era um pedido. Era uma ordem sutil. Assenti, e levei Bethy para dentro.

– Você fez alguma coisa para deixar a velhinha brava? – sussurrou Bethy quando já estávamos no interior da casa.

Dei de ombros. Eu não tinha certeza.

– Ainda não sei – respondi.

Fui até o armário, peguei um copo alto e servi um chá gelado para Bethy. Nem perguntei se ela queria. Só estava tentando fazer o que a Vovó Q. tinha mandado.

– Aqui. Beba isto e coma uma tortinha. Volto em alguns minutos – falei, saindo apressada. Precisava acabar logo com aquilo.

## BLAIRE

As pranchas de madeira estalaram sob os meus pés quando voltei para a varanda da casa da Vovó Q. Deixei a porta de tela bater atrás de mim antes de lembrar que ela era velha e as molas estavam enferrujadas havia muito tempo. Passei muitos dias da infância naquela varanda descascando ervilhas com Cain e a Vovó Q. Não queria que ela ficasse chateada comigo. Meu estômago estava se contorcendo.

– Sente-se, menina, e pare de fazer essa carinha de quem está prestes a cair no choro. Deus sabe que eu amo você como se fosse minha neta. Achei que um dia seria. – Ela balançou a cabeça. – Aquele burro não fez a coisa certa. Eu esperava que ele acordasse antes que fosse tarde demais. Mas ele não acordou, não é? Você foi embora e encontrou outra pessoa.

Aquilo não era o que eu estava esperando. Sentei na frente dela e comecei a descascar ervilhas para não precisar encará-la.

– O Cain e eu terminamos há três anos. Nada do que está acontecendo agora vai mudar isso. Ele é meu amigo, só isso.

Vovó Q. bufou e se remexeu na cadeira de balanço.

– Eu não acredito nisso. Vocês dois eram inseparáveis quando crianças. Mesmo quando era menino, ele não conseguia tirar os olhos de você. Era engraçado ver o quanto ele a adorava e nem se dava conta disso. Mas quando chegam à adolescência, os meninos perdem a mentalidade carinhosa. Eu detesto que isso tenha acontecido com ele. Detesto que ele tenha perdido você, menina. Porque não vai haver outra Blaire para o Cain. Você era a pessoa certa para ele.

Ela não mencionou o meu teste de gravidez. Será que nem sabia que eu os tinha comprado? Eu não queria lembrar o meu passado com Cain. Claro que nós tínhamos uma história, mas havia tanta tristeza e arrependimento, que eu não queria pensar naquilo. Eu vinha vivendo uma mentira que meu pai construía na época. Lembrar doía.

– O Cain passou por aqui hoje? – perguntei.

– Sim. Ele passou aqui hoje de manhã procurando por você. Falei que

você havia saído cedo e ainda não tinha voltado. Ele pareceu preocupado, deu meia-volta e foi embora sem me dizer mais nada. Mas ele estava chorando. Acho que nunca o vi chorar antes. Pelo menos não desde que ele era criança.

Ele estava chorando? Fechei os olhos e larguei as ervilhas dentro do balde de plástico grande que a Vovó Q. estava usando. Cain não deveria estar chateado. Ele não deveria chorar. Ele me deixara muito tempo atrás. Por que isso era tão difícil para ele?

– Há quanto tempo foi isso? – perguntei, pensando em quantas horas haviam se passado desde que abri o coração para ele no estacionamento da farmácia.

– Era cedo, umas nove horas, eu acho. Ele estava arrasado, menina. Pelo menos procure-o e converse com ele. Não importa como você se sente agora em relação a ele, Cain precisa ouvir que está tudo bem.

Assenti.

– Posso usar seu telefone? – perguntei, me levantando.

– Claro que pode. Coma uma das tortinhas enquanto estiver lá dentro. Fiz o bastante para um batalhão depois que ele saiu correndo daqui esta manhã. São as favoritas dele.

– Cereja – respondi e ela sorriu para mim.

Pude ver muitas coisas nos olhos dela. Eu conhecia Cain. Nada a respeito dele me surpreendia. Eu o compreendia. Nós tínhamos um passado. Eu amava a família dele e eles também me amavam. Aquilo era seguro.

Bethy estava parada do outro lado da porta, bebendo o seu chá gelado e estendendo o telefone para mim. Ela tinha ouvido. Não fiquei surpresa com isso.

– Ligue para ele. Acabe logo com isso – disse ela.

Peguei o telefone e fui até a sala de estar para ter um pouco de privacidade antes de digitar o número de Cain, que eu sabia de cor. Ele tinha o mesmo número desde que comprara o primeiro celular, quando tínhamos 16 anos.

– Alô – atendeu ele. Pude ouvir a hesitação na sua voz. Havia alguma coisa errada. Ele parecia estar falando pelo nariz.

– Cain? Você está bem? – perguntei, preocupada.

Houve uma pausa e então um longo suspiro.

– Blaire. É... estou bem.

– Onde você está?

Ele pigarreou.

– Eu, hum... estou na praia de Rosemary.

Ele estava em Rosemary? O quê? Afundei no sofá atrás de mim e segurei o telefone com mais força. Ele estava contando para o Rush? Meu coração bateu forte no peito e fechei os olhos antes de perguntar:

– Por que você está em Rosemary? Por favor, me diga que você não... – Não consegui falar. Não com Bethy na sala ao lado, muito provavelmente me ouvindo.

– Eu precisava ver a cara dele. Precisava ver se ele amava você. Eu precisava saber...

Aquilo não fazia sentido.

– O que você disse a ele? Como você o encontrou? Você o encontrou? Talvez ele não o tivesse encontrado. Talvez eu pudesse parar com aquilo. Houve uma risada dura do outro lado da linha.

– É, encontrei, sim. Não é muito difícil. Esta cidade é pequena e todo mundo sabe onde mora o filho do astro do rock.

Ai, meu deus, ai, meu deus, ai, meu deus...

– O que você disse a ele? – perguntei devagar, sendo dominada pelo horror.

– Eu não contei a ele. Não faria isso com você. Confie um pouco em mim, por favor. Eu atraí porque era um adolescente cheio de hormônios, mas, caramba, Blaire, quando é que vai me perdoar, porra? Eu vou pagar por aquele erro pelo resto da vida? Eu sinto *muito*! MEU DEUS, eu sinto muito, porra! Eu voltaria e faria tudo diferente se pudesse. – Ele parou e soltou um grunhido, como se estivesse com dor.

– Cain? Qual é o problema com você? Você está bem? – perguntei.

Eu não queria reconhecer, mas sabia que ele sentia muito. Eu também sentia muito. Mas, não, eu nunca iria superar aquilo. Perdoar era uma coisa. Esquecera, outra.

– Estou bem. Só um pouco detonado. Vamos dizer apenas que o cara não me adora, está bem?

O cara. Rush? Rush o machucou? Isso não parecia nem um pouco com Rush.

– Que cara?

Cain suspirou.

– Rush.

Fiquei boquiaberto, olhando fixamente para a frente. Rush brigou com o Cain?

– Não estou entendendo.

– Está tudo bem. Peguei um quarto para passar a noite e vou dormir para melhorar. Estarei em casa amanhã. Precisamos conversar sobre algumas coisas.

– Cain. Por que o Rush machucou você?

Mais uma pausa e um suspiro cansado.

– Porque fiz perguntas que ele achou que não eram da minha conta. Estarei em casa amanhã.

Ele fez perguntas. Que tipo de perguntas?

– Blaire, você não precisa contar para ele. Eu vou cuidar de você. Só... precisamos conversar.

Ele ia cuidar de mim? Do que ele estava falando? Eu não ia deixar que ele cuidasse de mim.

– Onde você está, exatamente? – perguntei.

– Em um hotel logo depois de Rosemary. Eles devem cagar dinheiro naquela cidade. Tudo custa cinco vezes o preço normal.

– Está bem. Fique na cama e nos vemos amanhã – falei, desligando em seguida.

Bethy entrou na sala. Levantou uma das sobrelhas escuras enquanto me encarava, esperando que eu falasse. Estava me ouvindo. Eu sabia que estava.

– Preciso de uma carona até Rosemary – declarei, me levantando.

Não podia deixar Cain com dor em uma cama de hotel, principalmente correndo o risco de ele voltar e tentar falar com Rush mais uma vez. Se Bethy pudesse me levar até lá, eu poderia conferir como ele estava e depois trazê-lo para casa.

Bethy concordou e deu um sorrisinho. Percebi que ela não queria que eu visse quanto ficou feliz por ouvir isso. Eu não ia ficar. Ela não precisava se encher de esperanças.

– Isso é só por causa do Cain. Eu não vou... não posso ficar lá.

Ela não pareceu acreditar em mim.

– Claro. Eu sei.

Eu não estava com disposição para convencê-la. Devolvi o telefone a ela e fui até o meu quarto temporário pegar algumas coisas.

## RUSH

Grant finalmente desistiu de mim e foi dançar com uma das meninas que estavam nos olhando desde que entramos na casa noturna. Afinal, ele estava ali para se divertir. Eu precisava da distração, mas tudo o que queria era ir embora. Tomei um gole de cerveja e tentei não fazer contato visual com ninguém. Mantive a cabeça baixa e a cara fechada. Não foi nada difícil.

As palavras de Jace não saíam da minha cabeça. Eu estava com medo. Não, estava em pânico com a possibilidade de ela voltar. Eu ainda me lembrava do seu rosto naquela noite no quarto do hotel. Ela estava vazia. Não havia emoção em seus olhos. Ela tinha terminado comigo, com o pai dela, com tudo. O amor era cruel. Muito cruel.

O banco alto do bar ao meu lado arranhou o piso ao ser empurrado para trás. Não olhei. Não queria ninguém conversando comigo.

– Por favor, me diga que essa careta no seu rosto bonito não é por causa de uma garota. Você vai partir meu coração. – A suave voz feminina era familiar.

Virei a cabeça para o lado apenas o bastante para ver o rosto dela. Embora estivesse mais velha, eu a reconheci na hora. Há algumas coisas de que um cara não se esquece e a garota que tirou a virgindade dele é uma delas. Meg Carter. Ela era três anos mais velha que eu e estava visitando a avó no verão em que completei 14 anos. Não foi uma relação amorosa. Foi mais uma lição de vida.

– Meg – respondi, aliviado por não ser mais uma desconhecida se atirando em cima de mim.

– E ele se lembra do meu nome. Estou impressionada – disse ela. Então olhou para o barman e sorriu. – Jack Daniels com Coca, por favor.

– Um cara nunca esquece sua primeira mulher.

Ela se remexeu no banquinho, cruzando as pernas e virando a cabeça para olhar para mim, fazendo com que os seus cabelos escuros e compridos caíssem por cima do ombro. Ainda eram compridos. Eu era fascinado pelos cabelos dela naquela época.

– A maioria dos caras não lembra, mas você teve uma vida diferente, comparada com a dos outros. A fama deve ter mudado você ao longo dos anos.

– Meu pai é famoso, não eu – reagi.

Detestava quando as mulheres tentavam falar sobre algo de que não sabiam. Meg e eu transamos algumas vezes, mas ela não sabia muito a meu respeito naquele tempo.

– Hum, que seja. E então, por que está de cara feia?

Eu não estava de cara feia. Eu estava acabado, mas não tinha a intenção de me abrir com ela.

– Eu estou bem – respondi, olhando para a pista de dança, na esperança de chamar a atenção de Grant. Estava pronto para ir embora.

– Você parece estar morrendo de dor de cotovelo e sem saber o que fazer – disse ela, pegando a bebida em cima do balcão.

– Eu não vou conversar com você sobre a minha vida pessoal, Meg. – Fiz questão de deixar claro o tom irritado na minha voz.

– Opa. Calma aí, bonitão. Eu não estava tentando aborrecê-lo. Só estava batendo um papo.

Minha vida pessoal não era conversa para ser jogada fora.

– Então me pergunte sobre a porra do tempo – resmunguei.

Ela não respondeu e gostei disso. Talvez ela seguisse em frente e me deixasse em paz.

– Estou na cidade cuidando da minha avó. Ela está doente e eu precisava fazer alguma coisa diferente da vida. Acabei de passar por um divórcio muito chato. Estava precisando de uma mudança de cenário, sair de Chicago. Vou ficar aqui por pelo menos seis meses. Você acha que vai ficar mal-humorado durante todo esse tempo ou vai melhorar um pouco em um futuro próximo?

Ela queria sair comigo. Não. Eu não estava pronto para isso. Ia começar a responder quando o alerta de mensagem de texto do meu celular tocou. Aliviado por ter uma interrupção para poder pensar em como iria responder, tirei o aparelho do bolso.

Não reconheci o número, mas o “Oi, é a Bethy” chamou minha atenção. Parei de respirar ao abrir a mensagem para ler tudo.

*Oi, é a Bethy. Se você não for um idiota completo, vai acordar, descobrir o que está acontecendo e tentar resolver as coisas.*

Que merda aquilo queria dizer? O que eu estava deixando passar? Blaire

estava em Rosemary? Era isso que ela queria dizer? Levantei e deixei dinheiro suficiente no bar para pagar a minha cerveja e o drinque de Meg.

– Preciso ir. Foi bom ver você. Cuide-se – falei e comecei a procurar Grant no meio da multidão. Eu o encontrei bolinando uma ruiva na pista de dança.

O olhar dele cruzou com o meu e fiz um sinal com a cabeça em direção à porta.

– Agora – falei, me virando para sair.

Iria deixá-lo lá se ele não me alcançasse antes de eu chegar à minha pica-pe. Ela podia estar ali. Eu ia descobrir. Perguntar a Bethy o que ela queria dizer com aquela mensagem maluca não ia adiantar.

## SOBRE A AUTORA

Abbi Glines nasceu em Birmingham, no Alabama. Cresceu na pequena cidade de Sumiton, de onde saiu no verão em que completou 18 anos. Não foi muito longe... viajou com o namorado da escola até a costa, onde vive desde então.

Abbi agora mora na curiosa cidade sulista de Fairhope, também no Alabama, com os três filhos e o marido Keith (o namorado da escola). Sua vida nunca é chata e Keith sempre garante que eles tenham uma nova “experiência” para explorar.

Entre os livros publicados por Abbi estão *The Vincent Boys*, *The Vincent Brothers*, *Breathe*, *Because of Low*, *While It Lasts and Just For Now* e *The Existence Trilogy*, *Ceaseless*, o best-seller do *USA Today*, e *Paixão sem limites*, o best-seller do *The New York Times* e do *Wall Street Journal*, publicado no Brasil pela editora Arqueiro.

Quando não está trancada em seu escritório escrevendo, está buscando os filhos das diversas atividades sociais. Dá para dizer que o segundo emprego dela é de motorista particular da criançada Glines. Um emprego bastante reconhecido.

[www.abbiglines.com](http://www.abbiglines.com)

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)